

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA
EDUCAÇÃO FÍSICA - BACHARELADO

Thais Silva Lelis

**MULHERES PRATICANTES DE PARKOUR: MOTIVAÇÕES, POSSIBILIDADES E
DESAFIOS**

Goiânia
2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Thais Silva Lelis

Título do trabalho: Mulheres praticantes de Parkour: motivações, possibilidades e desafios

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador). Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Aline Da Silva Nicolino, Professor do Magistério Superior**, em 05/09/2022, às 17:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **THAÍS SILVA LÉLIS, Discente**, em 06/09/2022, às 18:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3158088** e o código CRC **27184D16**.

Thais Silva Lelis

**MULHERES PRATICANTES DE PARKOUR: MOTIVAÇÕES,
POSSIBILIDADES E DESAFIOS**

Monografia apresentada à Faculdade de
Educação Física e Dança da Universidade
Federal de Goiás, como requisito para
finalização do curso de Educação Física
Bacharelado
Orientadora: Prof.^a Dra. Aline Nicolino

Goiânia
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

LELIS, Thais Silva

Mulheres praticantes de Parkour: motivações, possibilidades e desafios [manuscrito] / Thais Silva LELIS. - 2022.

47 f.

Orientador: Profa. Dra. Aline da Silva NICOLINO.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD), Educação Física, Goiânia, 2022.

Apêndice.

Inclui gráfico, lista de figuras.

1. Mulheres. 2. Parkour. 3. Educação Física . 4. Prática corporal. I. NICOLINO, Aline da Silva, orient. II. Título.

CDU 796



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Na data de **02/09/2022**, às **14 horas**, de forma **virtual**, por meio de **videoconferência via Google Meet**, iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “**Mulheres praticantes de Parkour: motivações, possibilidades e desafios**”, de autoria de **Thais Silva Lelis**, do curso de **Educação Física - Bacharelado**, da Faculdade de Educação Física e Dança da UFG. Os trabalhos foram instalados pela **Profa. Dra. Aline da Silva Nicolino - orientadora FEFD/UFG** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: **João Batista da Silva Junior (Especialista - UFG/UEG, PUC)** e **Profa. Dra. Valéria Maria Chaves de Figueiredo - FEFD/UFG**. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de **10,0 (dez)**, tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Aline Da Silva Nicolino, Professor do Magistério Superior**, em 05/09/2022, às 17:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **João Batista da Silva Junior, Usuário Externo**, em 06/09/2022, às 07:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Valéria Maria Chaves De Figueiredo, Professor do Magistério Superior**, em 06/09/2022, às 13:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3158087** e o código CRC **44B22B74**.

Thais Silva Lelis

**MULHERES PRATICANTES DE PARKOUR: MOTIVAÇÕES, POSSIBILIDADES E
DESAFIOS**

Esta monografia foi aprovada em sua forma final

Goiânia, 23 de agosto de 2022

Este trabalho é dedicado às mulheres praticantes de Parkour, que assim como eu, buscam maior espaço e representatividade nesse meio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, imensamente, a minha orientadora por toda paciência, compreensão, auxílio e incentivo durante todo o processo. Aos familiares, por todos os incentivos. Amigas e amigos, por sempre me apoiarem e incentivarem a crescer. As pessoas que conheci através do Parkour e àquelas mulheres incríveis que responderam ao questionário.

“Eu não estou aceitando as coisas que eu não posso mudar,
estou mudando as coisas que eu não posso aceitar”

Angela Davis

RESUMO

O estudo objetiva apresentar a trajetória de mulheres praticantes de Parkour, no que se refere as possibilidades de contato e de realização da prática. Para isso, busca-se identificar e compreender as motivações e os desafios que envolvem a entrada e a permanência de mulheres nesta prática no Brasil. Trata-se de um estudo descritivo e exploratório, de natureza qualitativa, no qual as informações foram coletadas por meio de questionário, enviado as praticantes de Parkour, de diferentes regiões do país, tendo como critério de seleção ter acima de 18 anos e ter no mínimo 6 meses de prática. O contato inicial com elas se deu em virtude do vínculo estabelecido pela prática do Parkour na cidade de Goiânia/GO e se ampliou pelas indicações e trocas de experiências em redes sociais, como o Instagram e o WhatsApp. O período de contato, envio do questionário, devolutiva e fechamento da amostra ocorreu entre outubro de 2021 e fevereiro de 2022, de forma virtual, devido às restrições sanitárias vivenciadas pela pandemia da COVID-19. As informações produzidas pelo questionário foram interpretadas por meio da análise de conteúdo, do tipo temática, valendo-se dos estudos feministas e de gênero para interpretar as motivações, os desafios e as possibilidades da prática exercida por mulheres. Os resultados mostram que um dos maiores desafios enfrentados pelas praticantes de Parkour se refere ao julgamento prévio que elas recebem, de executarem técnicas ‘inferiores’ aos homens, menos ‘espetacularizada’, em virtude de uma suposta construção cultural e social de fragilidade e delicadeza pertencente ao sexo feminino. Observa-se que os movimentos desenvolvidos por elas são avaliados a partir do praticante de parkour, da movimentação produzida por eles. Verifica-se, portanto, que a mulher praticante segue referências que não são produzidas por elas e ser respeitada nesses parâmetros já é em si um ato de resistência. Como potencialidades, foi descrito o quanto a prática possibilita a liberdade, o autoconhecimento e a superação de certos medos e limites, assim como benefícios físicos, como melhora da força, equilíbrio e coordenação motora. Além disso, relataram que a prática de parkour promove a percepção do ambiente, no sentido de ter uma visão diferente dos espaços ao seu redor, tendo uma maior e melhor interação com o ambiente.

Palavras-chave: Mulheres; Parkour; Educação Física; Prática corporal;

ABSTRACT

The objective study will present a trajectory of women practitioners of Parkour, with regard to the possibilities of contact and realization of the practice. For this, identify yourself and understand how to enter and practice the challenges that and the permanence of involvement in Brazil. This descriptive and exploratory study, of a qualitative nature, in which information was collected through age, sent as practices from our park, from regions of the country, with selection variety being 18 years old and having at minimum 6 months of practice. Initial contact with social networks such as Instagram and WhatsApp. The contact, sending of the trial period, evolutionary period and closing of the sample took place between October 2021 and February 2022, of virtual, due to the COVID-19 pandemic, by survey responses. By the study-type content study group, thematically valid and interpreted as the best quality feminist studies alternatives for women's studies. The results show that one of the biggest challenges faced by Parkour practitioners refers to the previous judgment they receive, of performing 'inferior' techniques to men, less 'spectacularized', due to a supposed cultural and social construction of fragility and delicacy belonging to the female sex. It is observed that the movements developed by them are evaluated from the parkour practitioner, from the movement produced by them. It is verified, therefore, that the practicing woman follows references that are not produced by them and being respected in these parameters is in itself an act of resistance. The potentialities, it was described how much the practice allows freedom, self-knowledge and overcoming certain fears and limits, as well as physical benefits, such as improved strength, balance and motor coordination. In addition, they reported that the practice of Parkour promotes the perception of the environment, in the sense of having a different view of the spaces around the, having a greater and better interaction with the environment.

Keywords: Woman, Parkour, Physical education, body practice.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Traceuse realizando um movimento de escalada (Wallrun)	21
Figura 2 -	Grupo Yamakasi (Original)	29
Figura 3 -	Mulheres no 12º Encontro Feminino de Parkour	23

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	21
2.1. ENTENDENDO O PARKOUR	21
2.2. MULHERES, ESPORTES E PARKOUR	26
3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES LEVANTADAS	33
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS	45
APÊNDICE A	47

1. INTRODUÇÃO

A motivação inicial em pesquisar este tema partiu da minha trajetória como praticante de Parkour na cidade de Goiânia/GO. O meu primeiro contato com a prática se deu por meio de jogos de vídeo game, como o *Assassin's Creed*¹, e filmes, em que os doubles praticavam essa modalidade, como o filme “Pantera Negra”. De forma empírica, na época que tive esse primeiro contato (em torno de 2016) o Parkour era uma prática muito vista nas telas e algumas mídias, mas ainda não vivenciada, por ser uma prática pouco disseminada e conhecida, na cidade em que moro, Goiânia. Em outubro de 2020, surgiu por meio de amigos da área da Educação Física, a oportunidade de praticar, conhecer e fazer parte do mundo do Parkour.

Comecei os treinos de Parkour objetivando fazer um estágio na academia da minha cidade. O tempo de aprendizagem do Parkour (técnicas, pedagogia e filosofia) e do estágio se deu de forma convergente, treinava praticamente todos os dias a noite e estagiava durante o dia. Inicialmente, o primeiro contato com as/os praticantes, eram aqueles que iam treinar na academia, durante as aulas dos adultos. Porém, um tempo depois, por meio de uma praticante (que treinava a academia), conheci outras pessoas que realizavam a prática nas praças e ruas, esses se deslocavam até os treinos em sua maioria de bicicleta e poucos de carro. No meu primeiro treino na rua percebi a diferença do espaço na prática do Parkour, tudo era muito novo e quase não consegui treinar nesse dia, pois tudo me dava medo e receio de machucar, o ambiente externo aparentava não ser seguro (com presença de colchões ou meios de diminuir riscos de lesões) e acolhedor.

A possibilidade de fazer estágio na academia, com essa prática surgiu após eu ver no Instagram a oportunidade de trabalho na mesma. Nessa época eu estava bem desmotivada e prestes a desistir de seguir na área da Educação Física, pois não encontrava algo em que me encaixasse. Dessa forma fui até a academia, experimentei a prática do Parkour e me encantei com tudo, desde as possibilidades de movimentação, a filosofia da prática, até a relação da/os praticantes entre si, pois desde o começo sempre recebi muita ajuda e incentivo de toda/os praticantes para melhorar cada vez mais.

A academia mencionada se localiza na região sul de Goiânia, está equipada com caixotes de madeira de diversos tamanhos para proporcionar grande variabilidade e segurança nos

¹ *Assassin's Creed* é uma série de jogos eletrônicos, na qual os personagens do jogo detêm diversas habilidades de Parkour, realizando diversos saltos, escaladas e rolamentos.

movimentos, tatames em quase todo o chão, barras de diversos tamanhos, materiais que tornam o aprendizado da modalidade mais segura. A maioria da/os aluna/os, entre 4 e 15 anos, que recorrem a prática, vão acompanhados com os pais (maioria mães) ou responsáveis (ex. babás) e se deslocam para o local, em sua maioria, de carro (Uber ou carro próprio) e alguns vão de bicicleta, os quais inclusive saem de regiões distantes para realizar o treinamento. Também ocorre de algumas/ns mães/pais deixarem a/os filha/os no horário inicial dos treinos, buscando-a/os ao final do mesmo (duração em torno de 1h cada treino) ou enquanto a/os filha/os treinam Parkour as/os mães/pais recorrem a outras modalidades oferecidas na academia. Inicialmente, quando comecei o estágio o número de meninas e mulheres era menor, com o decorrer das aulas e do tempo aumentou – se a adesão de meninas e mulheres buscando e permanecendo na prática.

Além da experiência em vivenciar a modalidade, também trabalho com o ensino do Parkour nessa academia da cidade, a qual me possibilitou verificar e questionar a diferença numérica entre homens e mulheres que buscam pela prática. A abertura da academia se deu por sonho pessoal de um dos donos, não partindo de uma demanda social do local, mas que contribuiu para disseminar a prática de Parkour na cidade. No espaço o foco é a prática do Parkour, porém a academia oferece, também, a modalidade de funcional e tecido acrobático.

Essas vivências, enquanto praticante e professora da modalidade na academia, veem mostrando o quanto é raro encontrar mulheres praticantes de Parkour, e sobretudo professoras, na capital de Goiás, por vezes eu era a única mulher presente nos treinos na academia e quando os treinos extrapolam os muros e vamos para a rua, fica ainda mais difícil encontrar praticantes mulheres. Desconfio que as mesmas, não têm acesso a prática, tanto pela invisibilidade e desconhecimento, quanto por questões socioculturais, em que há uma identificação de uma modalidade radical (por ser pouco conhecida e mal interpretada) e para homens, assim como pontua Fernandes (2016, p. 233),

Parte da sociedade e da mídia desconhecem os princípios e os benefícios do Parkour. (...). Contra equívocos comuns, os praticantes expressam o Parkour como uma prática transformadora e os benefícios adquiridos com a disciplina, como confiança e autoestima, intimidaria qualquer motivação para ações negativas e transgressoras.

Essas desconfiças, compartilhadas com Fernandes (2016), motivaram minhas buscas no campo acadêmico, no sentido de identificar o que há de produção sobre o tema no campo científico, se há estudos que trazem a questão da prática e a representação da mulher nesse esporte, assim como mapear o que a área da Educação Física vem produzindo sobre o tema em periódicos da área e a produção de teses e dissertações no Brasil. O levantamento realizado a

partir dos descritores: “Parkour” e “Parkour e mulher”, no período de setembro de 2021 a março de 2022.

Ao todo, foram encontrados dezesseis (16) trabalhos que discorrem sobre o Parkour, dentre eles, 10 são dissertações e 6 artigos. No que se refere as dissertações, transcrevem a respeito de diversos temas referentes ao Parkour, como a esportivização da prática, questões pedagógicas de ensino-aprendizagem, análises biológicas e questões de metabolismo e força, em que apenas uma foi selecionada para compor a amostra de análise. Com relação aos artigos levantados, constatei que nenhum converge ao objetivo deste estudo, por abordarem temas que não se relacionam com a discussão das mulheres na prática do parkour.

Apesar da quantidade restrita de trabalhos encontrados nas buscas realizadas no banco de dados de teses e dissertações da CAPES e em Periódicos de Educação Física, apenas uma das dissertações de mestrado, abordou a questão da mulher na prática do Parkour no cenário brasileiro. A dissertação, intitulada, “Transpondo muros socioculturais: relações de gênero e empoderamento de mulheres no Parkour”, da autora Alessandra Fernandes (2018), evidencia os obstáculos enfrentados pelas mulheres para permanecer na prática por ser um meio predominantemente masculino, além das formas de resistência encontrados por elas para terem seu espaço reconhecido. A autora conclui que o Parkour é associado a masculinidade e ao domínio dos homens. Com resistência, perante as desigualdades percebidas no meio, as praticantes buscaram criar espaços “de” e “para” mulheres no Parkour, por meio de encontros e treinos destinados a elas (FERNANDES, 2018).

Convergente as respostas obtidas no presente trabalho, Fernandes (2018), aponta que a representatividade das mulheres e a receptividade do grupo caracteriza aspectos propícios para a permanência das praticantes na prática. Representatividade essa, que contribui para a “desconstrução” do Parkour como uma prática de homens, já que no campo midiático e nos espaços de treino se têm uma preponderância de homens.

Outro ponto que se assemelha as informações coletadas neste estudo, pontuado por Fernandes (2018), refere-se ao fato de o Parkour não ser uma prática competitiva e sim cooperativa, possibilitando uma maior adesão de meninos e meninas. Essa questão também foi observada nas respostas do questionário, em que a característica não competitiva o torna mais encorajador para a participação das mulheres na prática. Porém, a concepção do Parkour como uma prática masculina, se deve pelo predomínio “dos” e “nos” espaços ocupados pelos homens.

Com isso, as *traceuses*² ficam com uma “sensação de desconforto, frustração e falta de espaço” durante os treinos (FERNANDES, 2018). Sendo esses aspectos enfraquecidos pela maior visibilidade e representatividade nas mulheres no Parkour.

As justificativas para que ocorram essas diferenciações na modalidade, sucedem por meio das questões biológicas, psicológicas e sociais (força e resistência, cautela e insegurança, maior autoridade, visibilidade e sociabilidade dos homens), em que movimentos mais exuberantes e agressivos se associam a um Parkour com mais visibilidade da mídia, por apresentar o uso de mais potência, velocidade e risco, criando assim uma ideia popular de uma prática espetacularizada. Com isso, é esperado que as mulheres desempenhem uma movimentação igual a realizada por muitos homens nas mídias e quando não é possível igualar, é usado como justificativa, o argumento de que mulheres possuem menos aptidão física e força tendo dessa forma, uma performance julgada como inferior (AGUIAR, 2018).

Dessa maneira os treinos direcionados para as mulheres simbolizam uma estratégia de resistência, já que o Parkour se relaciona principalmente com o “cuidado de si”. Nesse sentido, Fernandes (2018, p.228) pontua:

Assim, a modalidade investigada produz formas particulares de pensar a mulher e o corpo feminino, contribuindo para transformar concepções hegemônicas de gênero e revelar a possibilidade de recriar e redefinir um espaço propício ao emponderamento das mulheres e à equidade de gênero no campo das práticas sociais.

Identifiquei, dessa forma, que o panorama da literatura nacional referente a temática não se mostra satisfatório, tornando esta pesquisa imprescindível para a comunidade acadêmica. Além disso, é possível pontuar a necessidade de potencializar os estudos na área dos esportes e gênero no país, pois é perceptível a carência de produções nacionais comparadas com o que se tem produzido no exterior (GOELLNER, 2012).

Contextualizando, a falta de visibilidade do Parkour, pode ser justificada pelo fato, do mesmo, ser uma modalidade nova e diferente, ocorrendo situações de falta de informação ou aceitação. Stramandinoli, Remonte e Marchetti (2012, p. 21) complementam essa ideia do desconhecimento, pontuando que “em razão de suas características e aparente radicalidade, a prática no Brasil causou certa polêmica e seus praticantes foram, frequentemente, confundidos como vândalos por utilizar diferentes ambientes urbanos de maneira não convencional”,

² Termo francês para se referir as praticantes de Parkour do sexo feminino.

produzindo um certo preconceito de marginalidade para a prática, relacionado com movimentos e técnicas específicas da mesma, como por exemplo subir um muro.

Assim, como mulher, praticante de Parkour e professora, acredito que é de extrema relevância a abordagem dessa temática no campo acadêmico da área de Educação Física e estendido para o contexto social, visto que a falta de estudos, de conhecimento sobre a prática e de participação das mulheres, pode estar sinalizando estruturas históricas e sociais de uma lógica patriarcal, sexista, racista e patrimonialista, que limita e condiciona a participação das mulheres em espaços restritos e em determinadas posições hierárquicas. Hipótese levantada a partir das discussões apresentadas por Silvana Goellner (2007, p. 190) ao mostrar “a importância das epistemologias feministas e dos estudos de gênero para compreender os processos históricos e contemporâneos através dos quais se deu a inserção, permanência e ampliação da participação das mulheres no campo das práticas corporais e esportivas”.

Essa disparidade entre homens e mulheres praticantes observada nas ruas, em parques e praças, estendendo-se em instituições privadas, como em academias, me chamou a atenção primeiro com relação a quantidade, visto que o número de meninos e garotos³ que buscam pela modalidade, os quais são, em grande parte, influenciados pelos jogos, mídias e redes sociais, como em vídeos no YouTube, por causa de personagens (em sua grande maioria homens) realizando movimentos do Parkour, incentivando dessa forma as crianças, que levam os pais a buscarem um local seguro para a realização da modalidade. Diante disso, questiono se o fato de ter mais meninos e garotos praticando a modalidade nas ruas e dentro de instituições privadas em Goiânia relaciona-se com “escolhas” e se as possibilidades são as mesmas para meninos e meninas, no sentido de verificar como se dão essas questões pelo Brasil. Isto é, como premissa deste estudo, problematizo que as “escolhas” estão diretamente relacionadas aos incentivos e as possibilidades, que se dão pela divulgação em diferentes mídias, ao acolhimento e motivação de familiares e, concomitantemente, por uma rede mais ampla, envolvendo desde familiares mais distantes, amizades, vizinhança, igreja e escola até as redes sociais.

Diante dessas considerações e dos pressupostos levantados para este estudo, o problema de investigação busca conhecer as motivações, as possibilidades e os desafios que envolvem a entrada e a permanência de mulheres praticantes de Parkour, em diferentes regiões do Brasil. O estudo visa identificar alguns sentidos e sensibilidades produzidos por mulheres praticantes, por entender que elas ressignificam e ampliam possibilidades de manifestações corporais no tempo presente.

³ O uso do termo menino descreve criança do sexo masculino entre 5 anos e garotos 15 anos de idade.

Diante do exposto, este estudo objetiva investigar como as praticantes de Parkour conheceram a prática, identificando os caminhos percorridos para realizarem a vivência, os desafios e as possibilidades de entrada e permanência no esporte. Para mapear esse processo, busca-se descrever como se deu o contato com a prática, as motivações por parte da família e de redes de apoio em realizar a modalidade, os desafios enfrentados, os locais de treinamento, o trajeto percorrido para chegar ao local de treinamento e as vivências possibilitadas pelo Parkour. A quantidade de mulheres praticantes também é um elemento significativo neste estudo, visto que é visível a quantidade expressiva de meninos praticando em relação as meninas. Aquelas que buscam profissionalizar-se poderiam se sentir desmotivadas, pois estão longe de conseguir patrocínio de grandes marcas (como a redbull). Soma-se a isso, as dificuldades e os limites impostos as mesmas por falta de apoio familiar, além da associação social da prática como um esporte “masculino”, voltado aos homens, por exigir resistência, força, explosão muscular e ser desafiadora. Para investigar tais questões, propõe-se desenvolver os seguintes objetivos:

Objetivo Geral

- Conhecer as motivações e os desafios que envolvem a entrada e a permanência de mulheres no Parkour no Brasil.

Objetivos Específicos

- Levantar no campo científico a produção sobre a prática de Parkour e mulheres, recorrendo as dissertações e teses nacionais, além de artigos produzidos na área da Educação Física brasileira, visando conhecer o que se tem produzido sobre o tema;

- Identificar como as praticantes de Parkour, maiores de 18 anos e de diferentes regiões do país, tiveram contato com a prática e quais caminhos percorreram para permanecer praticando o esporte, em que as possibilidades de entrada e permanência no esporte (motivação, apoio, locais de treinamento) e os desafios, constituem os elementos norteadores dessas trilhas;

Para alcançar tais objetivos, recorreu-se a pesquisa do tipo exploratório-descritiva, pois se pretende aprofundar o estudo a respeito das mulheres no Parkour, com o intuito de ampliar a experiência sobre essa temática. A pesquisa se caracteriza como descritiva por apresentar as características da população a ser estudada, havendo a presença de um questionário para identificar tais informações, que segundo Gil (2002, p. 42) “[...] têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômenos ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”.

Também, pode ser considerada exploratória, por ter como finalidade “(...) o aprimoramento de ideias ou descobertas de intuições” (GIL, 2002, p. 44). Baseando-se na

percepção de que é possível encontrar uma quantidade superior de homens em relação á mulheres no Parkour. Além disso, o foco do estudo se mantém no conhecimento de um grupo específico de mulheres com maioria que realizam a prática há no mínimo 6 meses, investigando suas características e motivações. O delineamento adotado é do tipo estudo de caso, no qual é mais utilizado “em estudos exploratórios e descritivos, mas também pode ser importante para fornecer respostas relativas a causas de determinados fenômenos” (GIL, 2002, p. 138) e é um tipo de delineamento que permite maior aprofundamento na pesquisa.

A população a ser estudada envolve as mulheres praticantes de Parkour com idade acima de 18 anos e que a praticam há pelo menos 6 meses. O tipo de amostragem do estudo é não probabilístico pois “a seleção dos elementos da população para compor a amostra depende ao menos em parte do julgamento do pesquisador” (OLIVEIRA, 2001, p.2) e caracteriza-se como intencional, visto que houve um convite para que as participantes respondessem ao questionário proposto. Participaram 24 mulheres, porém 1 não se encaixava no critério de inclusão de praticar há no mínimo 6 meses e a outra foi uma participante que respondeu ao questionário 2 vezes, sendo ao todo 22 participantes.

O instrumento utilizado para realizar a coleta de informações foi o questionário, desenvolvido a partir do objetivo geral, convergente ao contato e a experiência prática das mulheres praticantes de Parkour. A elaboração do instrumento de pesquisa se deu a partir de questões vivenciadas enquanto praticante e professora, no sentido de identificar como se deu o contato com a prática, se houve algum fator motivacional e o que possibilitou a permanência na modalidade, assim como os desafios e as potencialidades vivenciadas no Parkour. O instrumento foi composto por questões abertas e discursivas, as quais não havia obrigatoriedade de responder, sendo elaborado e enviado no formato *online*, dado o atual momento de COVID-19, que traz como exigência e norma de segurança o distanciamento e o isolamento social.

Além disso, durante o processo de pesquisa, meses antes da pandemia (final de 2019), observou-se a falta de comparecimento das praticantes aos treinos. Essa ausência, demandou o uso desse meio, que permitiu não apenas coletar as informações das praticantes goianas, mas ampliar a amostra, inserindo praticantes de diferentes regiões do país. Para isso, fez-se contato com o máximo de pessoas praticantes, criando uma rede de informações, no sentido de mapear mulheres dispostas a participar da pesquisa. O contato com as participantes se deu por meio das mídias sociais, como Instagram e WhatsApp.

A análise dos dados coletados foi efetuada por meio de análise de conteúdo que “[...] é uma técnica de pesquisa para descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações e tendo por fim interpretá-los” (BERELSON, 1952, p.18). Com

isso, primeiramente, se realiza uma leitura das falas expostas para, posteriormente, se buscar um aprofundamento das ideias. Minayo (2014, p. 308) aponta que “todos os procedimentos levam a relacionar estruturas semânticas (significantes) com estruturas sociológicas (significados) [...]”, sendo esse tipo de análise objetiva.

A modalidade da análise de conteúdo utilizada é a análise temática que “consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõe uma comunicação, cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado” (MINAYO, 2014, p. 316). A análise se dá em três etapas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, sendo necessário na segunda etapa realizar uma categorização visando reduzir os textos obtidos nas respostas das praticantes em palavras ou expressões que sejam significativas. A pesquisa foi iniciada por meio de buscas de produções a respeito do tema na Educação Física, se deu em periódicos da área no Brasil, que dialoguem com o campo sócio pedagógico e de maior qualis capes no quadriênio (2013-2016)⁴. Além das revistas da área, também se fez o levantamento de teses, dissertações e artigos em diferentes plataformas científicas⁵, lançando os descritores “*Parkour*” e “*Parkour e mulher*” nessas bases de dados, no período de setembro de 2021 a março de 2022.

Para desenvolver o primeiro capítulo deste estudo, recorre-se a revisão da literatura, no sentido de entender o que se tem produzido a respeito do tema Parkour no âmbito nacional, apresentar a sua compreensão e história. O referencial teórico é utilizado para mostrar os estudos de gênero e pensar a questão da desigualdade ao longo da história, associando essa discussão às práticas corporais e esportivas. Ao final, traz uma discussão sobre a necessidade de se pesquisar mais acerca do Parkour e a participação das mulheres. O segundo capítulo discute a presença das mulheres no Parkour desde os primeiros relatos conhecidos até os dias atuais, problematizando a diferença quantitativa entre homens e mulheres, o 12º Encontro Feminino de Parkour no Brasil, que ocorreu entre os dias 04 e 06 de fevereiro de 2022 em Vitória/ES e expondo os dados obtidos mediante as respostas do questionário.

⁴ Revistas pesquisadas: Movimento, Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), Motrivivência, Licere, Pensar a Prática, Motricidade, Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (RBEFE/USP), Revista de Educação Física (UEM), Motriz, Mackenzie de Educação Física e Esporte, Revista Brasileira de Ciências e Movimento (RBCM), Escola de Educação Física e Esporte e no Caderno de Educação Física e Esporte (CEFE).

⁵ Além desses periódicos, também foi realizada a busca na plataforma CAPES (Periódicos de Catálogo de teses e dissertações), na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, no Pubmed e no Scielo, no período de set/2021 a mar/2022.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Este capítulo é composto por dois subtemas que abordam, respectivamente, a história do Parkour e a percepção sobre a prática e as questões de gênero no que se refere à presença das mulheres nas práticas corporais e esportivas. Por fim, mostra as informações referentes ao levantamento bibliográfico, apresentando as produções nacionais e relacionando-as com a temática do estudo.

2.1. ENTENDENDO O PARKOUR

A história do Parkour se inicia por meio da combinação cultural e pelas experiências no decorrer da vida, de alguns jovens que viviam nos subúrbios de Paris, mais específica e principalmente em Évry, Lisses e Sarcelles, durante a década de 1980.

Essa prática, atualmente, é definida de diversas formas, mas como Angel (2011, p. 6) se questiona: “É uma arte, uma disciplina, um esporte, uma cultura do movimento?”. Como dito no início do parágrafo, existem alguns conceitos a respeito sobre o que, exatamente, seria o Parkour e concordante ao significado exposto no texto “Ciné Parkour”, entenderemos o mesmo como uma forma de treinamento físico e psicológico, que pensa no movimento e nas formas de utilizar o ambiente/espço ao seu redor de forma criativa (ANGEL, 2011).

Segundo a definição de Angel (2011, p. 6)

It is a physical and emotional activity that involves using only the body to overcome obstacles (physical and emotional) within a route. This may involve running, climbing, vaulting, jumping, traversing, balancing, or any other physical means to get from one point to another. Some simplify this stating it as finding a way of getting from point A to point B.⁶

Sendo um método que envolve aprender com seus medos e limitações, em que se utiliza apenas o corpo para transpor obstáculos. A ideia central do Parkour é traçar os objetivos e percorrer percursos através de meios intrínsecos, buscando alcançá-los de forma independente

⁶ “É uma atividade física e emocional, que envolve usar apenas o corpo para superar obstáculos dentro de um percurso. Isso pode envolver corrida, escalada, ultrapassagens, saltos, travessias, equilíbrio ou qualquer outro meio físico para ir de um ponto ao outro. Simplificando, é encontrar uma maneira de ir de um ponto A ao ponto B.” (tradução nossa).

utilizando o meio em que se encontram, passando por obstáculos no caminho e adaptando-se a eles (STRAMANDINOLI, 2006).

Figura 1. Traceuse realizando um movimento de escalada (Wallrun)



Fonte: Imagem autoral

Como mencionado, o Parkour teve início na década de 1980, por volta dos anos de 1986/7 (ANGEL, 2011), baseado nas práticas utilitários-guerreiras, que convergem, indiretamente, com os métodos de treinamento de George Hébert e Raymond Belle. Tais métodos apresentam similaridades entre si por serem embasados em formas de se movimentar e treinar próximas, mas foi através, principalmente, do convívio de David Belle e Yann Nautra com figuras paternas fortes e que serviram ao serviço militar (voltamos a ideia das práticas

utilitário-guerreiras), que surgiu o que conhecemos hoje como “Parkour” (NOVO, 2019; ANGEL, 2011). Como assinala Stramandinoli (2012, p.19) “Das táticas desesperadas de guerrilha que a ideia do Parkour como ferramenta instintiva e prática, nasceu”.

Para melhor compreensão da prática, vamos voltar na história de George Hébert um “educador físico” francês que fez parte da marinha e ficou conhecido após coordenar e salvar mais de 700 pessoas em uma erupção vulcânica (Parkour Portugal), que organizou uma prática, no século XX, que ficou conhecida como Método Natural (STRAMANDINOLI *et al.*, 2012). O método de Hébert estava baseado no seu lema “Etre fort pour être utile”, ou seja, “ser forte para ser útil”, enfatizando dessa forma o desenvolvimento físico e moral na prática, tendo como um dos focos principais o altruísmo (FERNANDES, 2016; SOARES, 2003 apud STRAMANDINOLI, 2012).

Essa prática foi pensada após George Hébert realizar viagens no mundo, inspirando-se em povos indígenas na África e após fazer parte de um movimento de fuga e resgate de uma catástrofe vulcânica, ocorrida no ano de 1902 na França (FERNANDES, 2016). Stramandinoli (2012, 17), diz “O método natural baseia-se na ideia de que é importante trabalhar movimentos que atualmente o ser humano deixa de realizar”. Assim o método criado tem como intuito desenvolver melhor a locomoção, os meios de trabalho e defesa do ser humano, utilizando de movimentos naturais e fundamentais para o ser humano como por exemplo, saltar, correr, escalar, andar em quadrupedia, se equilibrar, dentre outros (STRAMANDINOLI, 2012)

Além disso, George Hébert, durante sua vida se mostrou oposto aos eventos esportivos e competitivos, por achar que eles eram divergentes a fisiologia e na habilidade de criação de valores morais (GAMA, 2008 apud STRAMANDINOLI, 2012), inclusive Stramandinoli cita que Hébert “chamou os Jogos Olímpicos de ‘Feira de músculos’. Sendo na sua concepção moral, pedagógica e fisicamente falsa o modelo esportivo.

Mais tarde Raymond Belle teve importante papel na formação do Parkour como é visto hoje, pois ele mostrava seu treinamento físico para seu filho David Belle e para Phung, Châu, Willinas e Katty, primos de David, encorajando-os a uma visão criativa e mapear os terrenos, além de instigá-los a questionar sobre como as coisas foram feitas e como podem ser usadas (ANGEL, 2011). Após ser abusado sexualmente e enviado para uma escola militar, Raymond decidiu, como cita Stramandinoli (2012, p. 19) “criar uma ‘armadura’ como meio de proteção, formando uma camada exterior impenetrável”, e assim treinava, através de percursos, buscando melhorar sua força física e mental.

Raymond integrou o corpo de bombeiros de Paris na equipe de elite e, após muito treino e destaques, por sua condição física e missões bem-sucedidas, Raymond antes disso

(PARKOUR WORLD ASSOCIATION, 2005) treinou através do método conhecido na França como “Parcours du combattant”, modo de treinamento utilizando percursos para incursões na Guerra do Vietnã (PEREIRA et al., 2020). Uma nova ideia de treinamento militar para salvamento, ambos os métodos não se ligam de forma direta, porém se inspiram em práticas utilitário-guerreiras (NOVO, 2019), alguns dos treinos eram noturnos, em formas de percurso, nos quais, Raymond buscava aperfeiçoar sua agilidade, resistência, furtividade... com o objetivo de se fortalecer física e mentalmente (STRAMANDINOLI, 2012; ANGEL, 2011).

Mais tarde, o Parkour como o conhecemos hoje, foi idealizado por David Belle, filho de Raymond Belle, que sempre esteve imerso no mundo do pai, conhecendo desde cedo o treinamento feito por ele (CHAGAS, 2015). O desenvolvimento da disciplina começou como resultado de uma combinação cultural e das influências ambientais para com as crianças de duas famílias que se situavam nos subúrbios de Paris, Sarcelles (Belle) e Évry (Hnautra), Lisses vem fazer parte do polo principal do movimento, pois David Belle morava lá com sua mãe (ANGEL, 2011). David Belle seguiu os passos do pai treinando pela movimentação, e em 1997 decidiu formar um grupo para desenvolver sua prática (STRAMANDINOLI, 2012).

O grupo era bem diversificado, pois as famílias dos integrantes eram imigrantes e refugiados, por essa razão moravam nos subúrbios de Paris (NOVO, 2019). O grupo era composto por: Châu Belle-Dinh, Willians Belle, David Belle, Guylain N’Guba-Bayeke, Malik Diouf, Sebastien Foucan, Yann Hnautra, Charles Perrière e Laurent Piemontesi. O nome do grupo foi definido após uma apresentação para o público no show dos Bombeiros em Paris, sugerido por Guylain, seria Yamakasi que, na língua Lingala, significa “Corpo forte, espírito forte” (ANGEL, 2011; NOVO, 2019).

Figura 2. Grupo Yamakasi (Original)



Fonte: https://www.parkourbrazil.com/historia-do-parkour_22⁷

A prática inicial exercida por eles, chamou-se originalmente, conhecida por *parcours* que em francês quer dizer ‘percurso’ ou ‘trajeto’, também ficou denominada de *Art du déplacement*, que significa ‘arte do deslocamento, termo sugerido por Sebastien Foucan (CHAGAS, 2015). “Se trata de uma prática, em que o corpo se torna instrumento de redefinição dos ambientes urbanos” (CHAGAS, 2015, p. 324).

Um tempo depois o grupo veio a se separar, pois David buscava seguir sua carreira como ator e Foucan queria ensinar a respeito da prática, ao invés, de realizar apresentações (NOVO,2019). David Belle influenciado por seu amigo, Hubert Kounde, desenvolve sua própria prática com um novo nome para poder acrescentar seus ideais nela, retirando o “s” de *parcours* e trocando o “c” pelo “k” para facilitar a pronúncia, surge o termo “Parkour”, conhecido nos dias de hoje. Após isso, em 2004, David estrela um filme dirigido por Luc Besson, “B13”, tornando o “Parkour” uma prática/disciplina disseminada mundialmente (ANGEL, 2011; NOVO, 2019).

Enquanto isso, Foucan em 2003, após realizar o documentário “Jump London”, sugeriu que alterasse o nome usado da sua prática para outro de mais adesão pelos ingleses, ao invés do Parkour. E assim, surgiu a terminologia “Freerunning”, na qual Sebastien Foucan

⁷ Foto sem Malik Diouf

construiu suas próprias concepções para a “nova” prática, mais voltada para a criatividade e expressão corporal (NOVO, 2019, p. 26).

Nesse meio tempo, em 2001, Châu Belle, Yann Hnautra e Laurent Piemontesi começam a formar professores, buscando promover a prática pelo ensino e passar os métodos para a próxima geração (ANGEL, 2011). E em 2004/05 o grupo Yamakasi retorna com 4 dos seus 9 membros originais (Châu Belle, Willian Belle, Yann Hnautra e Laurent Piemontesi), continuando com a prática da Art dú déplacement, ensinando e fazendo apresentações. (NOVO, 2019). Muitas das técnicas conhecidas, hoje, como parte do Parkour foram criadas por Willians Belle que era o integrante mais novo do grupo (ANGEL, 2011). Os/as praticantes de Parkour são nomeados como “traceurs” referente aos homens e “traceuses” referente as mulheres.

O Parkour ou Le Parkour como também é conhecido, pode ser definido como:

Uma atividade física de origem francesa, sendo uma combinação de habilidades naturais do homem como correr, saltar e escalar, a fim de ser capaz de movimentar-se da forma mais rápida, fluente e eficaz possível, fazendo uso do ambiente que nos cerca. (SERIKAWA, 2006 *apud* STRAMANDINOLI, 2012, p. 14).

Assis (2007 *apud* STRAMANDINOLI, 2012, p. 15), diz que “[...] a prática do Parkour explora diversas qualidades físicas: força, flexibilidade, coordenação motora, equilíbrio, velocidade, agilidade, entre outras”. Sendo assim, é uma prática que colabora com o desenvolvimento das aptidões físicas dos indivíduos que praticam. Coragem, respeito, altruísmo, cooperação e superação, são alguns dos valores enraizados no Parkour desde o método natural até o Parkour nos dias de hoje (PEREIRA, 2018).

Entendendo a história e seus conceitos, onde as mulheres entram nisso tudo? Não se tem muitas evidências que apontam a participação das mulheres desde o início do Parkour. Tina é uma das primeiras mulheres citadas como praticante de uma “geração de desconhecidos” que é citado no documentário “Geração Yamakasi” (2011). Além dela se tem informações sobre Katty Belle, no texto “Ciné Parkour” (2011) é citado que a mesma, como prima de David Belle, também vivenciava as experiências de treino com os principais integrantes do grupo Yamakasi, porém não se sabe se ela continuou treinando ou parou em um dado momento da vida.

2.2. MULHERES, ESPORTES E PARKOUR

A história do pensamento feminista é uma história de recusa da construção hierárquica da relação entre masculino e feminino; nos seus contextos específicos é uma tentativa de reverter ou deslocar seus funcionamentos. Os

(as) historiadores (as) feministas estão atualmente em condições de teorizar as suas práticas e de desenvolver o gênero como uma categoria de análise (SCOTT, 1989, p. 19).

Scott (1989, p. 2) pontua que “As feministas começaram a utilizar a palavra ‘gênero’ mais seriamente, no sentido mais literal, como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos”. A palavra ‘gênero’ apresenta-se entre as feministas, principalmente, as americanas que insistiam no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo, como uma rejeição ao determinismo biológico. O conceito de gênero é criado a partir dos estudos e debates feministas, sob uma perspectiva relacional, por rejeitar o determinismo biológico e dar ênfase no caráter social e cultural, marcadas pelas relações a relação de poder. (PISCITELLI, 2001).

Na sua utilização mais recente o termo ‘gênero’ se mostra, muitas vezes, como sinônimo de ‘mulheres’, já que ele exprime um sentido de neutralidade e objetividade comparado a mulheres. Dessa forma seu uso no vocabulário científico na área das ciências sociais ampliou, desagregando-se da política feminista (SCOTT, 1989). “[...] é um aspecto que a gente poderia chamar de procura de uma legitimidade acadêmica pelos estudos feministas dos anos de 1980” (SCOTT, 1989, p.6).

As construções sociais passam a ser indicadas, pelo gênero, mostrando a criação sobre o papel das mulheres e dos homens na sociedade. É posto um destaque no sistema de relações de poder, não sendo determinado através do sexo ou da sexualidade. A análise de gênero pode ser vista em três vertentes teóricas: 1) Busca pelas feministas em explicar o patriarcado; 2) Baseada no marxismo relaciona-se com as críticas feministas; 3) Essencialmente fragmentada nas teorias pós-estruturalistas francesas e anglo-americanas, recorrendo a psicanálise para compreender a reprodução da identidade de gênero. (SCOTT, 1989).

O presente estudo se estruturará partir da terceira vertente teórica. Uma das figuras principais para as feministas é Jacques Lacan, para elas o subconsciente tem grande influência na formação do sujeito, é um “lugar de instabilidade constante para o sujeito sexuado”, como coloca Scott (1989, p. 14).

A divisão do masculino e feminino se mostra como um subproduto do sistema ocidental dominante. Com isso, de acordo com a teoria lacaniana citada por Scott (1989, p. 15) “a linguagem é o centro”, por ela é promovida a construção da identidade de gênero. A interação social/cultural é algo intrínseco ao gênero, porém a existência de regras nessa relação leva a diferenciação e suposta identificação de masculinidade e feminilidade, enfatizando os sistemas

de conceitos e identidades subjetivas que exigem uma ambiguidade e elementos opostos (Scott, 1989).

Aguiar (2018, p. 16) diz que “As teorias de gênero também ajudam a entender os lugares ocupados por homens e mulheres na sociedade e a relação de dominação do que é tido como masculino sobre o que é feminino”. Nos esportes (da prática recreativa até o alto rendimento) a desigualdade dos gêneros não foi diferente, houve uma adversidade ainda maior, pois, os mesmos, inicialmente, se relacionavam com atividades idealizadas a serem exercidas apenas por homens, pelas características masculinas conferidas aos mesmos, como força e competitividade, por exemplo (AGUIAR, 2018).

Mesmo tendo adquirido espaço, as mulheres continuam se empenhando para serem respeitadas em suas práticas. Já houve um grande progresso com relação a participação das mulheres no Parkour, porém, até o presente encontra-se o pensamento arcaico de que essa modalidade é, prioritariamente, masculina. Aguiar (2018, p. 16) pontua que “essa associação do esporte a performance da masculinidade pode ser encontrada dentro do parkour [...]”, mas que a desigualdade dos gêneros pode ser desconstruída social e culturalmente da mesma forma que foi estabelecida. Isto é, compreender gênero “como uma forma cultural de moldar o corpo, está aberto à sua reforma contínua, e que ‘anatomia’ e ‘sexo’ não existem sem uma marca cultural (BUTLER, 2004, p. 9).

Dito de outro modo, gênero produz significados diante da **repetição** de gestos, imagens, discursos e normas (PISCITELLI, 2002, Grifo meu). Quando ocorre a repetição desses gestos é consolidada uma percepção social do “ser” homem ou mulher, constituindo um “eu” marcado pelo gênero. De acordo com Butler (1990) “ser” homem ou mulher é representar uma estrutura, na qual a masculinidade e a feminilidade, possuem características atribuídas a si, sendo dessa forma o corpo definido pela repetição dos atos, criando uma realidade de gênero, que conforma onde cada um “deve” se encaixar na sociedade.

As relações sociais acabam por construir o masculino e o feminino, de forma conjunta e não oposta, destacando que o gênero se trata de uma relação social e não da diferença sexual entre homens e mulheres (FERNANDES, 2018).

Posto isso, Butler (1990) traz que àqueles/as que são identificados fora do padrão/norma, se deve ao fato de não se “encaixarem” no molde criado pela sociedade. Com isso, são produzidos certos padrões, relacionados a feminilidade e masculinidade, que se conceituam como normais ou desviantes, de um modo que, qualidades consideradas femininas se tornam positivas caso visto nas mulheres, porém as mesmas desqualificam os homens que

as têm; o mesmo pode ser percebido com a masculinidade relacionada às mulheres. (FERNANDES, 2018; TORRÃO FILHO, 2005).

Frente a isso, entender e pesquisar sobre as relações de gênero na sociedade se torna algo complexo que alcança as mais diversas dimensões sociais, como: educacional, sexual, ideológica... (FERNANDES, 2018). Partindo disso Fernandes, (2018, p. 13) cita Goellner (2010) dizendo que “Nessa concepção, o corpo é resultado de um intrínseco inter-relacionamento entre natureza e cultura, isto é, trata-se de uma construção cultural, e, portanto, são plurais, ambíguos, inconstantes e diferentes”, sendo evidenciado no corpo as diferenças biológicas, que irão constituir em desigualdades sociais. Conforme Goellner (2010, p. 75), “se os corpos são diferentes, é necessário pensar, ainda, que os gêneros e as sexualidades também o são”. Com isso, discursos que sugerem o ser “masculino” ou “feminino” não são naturalmente construídos, isto é, eles resultam de uma idealização e, dessa forma, como coloca Fernandes (2018, p. 14) “[...] não há uma essência determinada para uma e outra identidade (Ibid.); elas são **plurais, flexíveis e mutáveis**”.

Nesse sentido, concordo com Fernandes (2018), que os discursos dominantes e normativos contribuíram para fomentar a **desigualdade** entre homens e mulheres nas desigualdades de socialização e da construção cultural do corpo, o que se desdobram nas diferenças de papéis, de habilidades, da apropriação de determinados espaços sociais, entre outras. A representação da mulher como “sexo frágil” sugeriu o “controle” dos seus corpos”. Agregando às mulheres a função reprodutiva e de esposa/mãe como suas únicas responsabilidades.

Trazendo essas considerações para o campo das práticas corporais e esporte, Aguiar (2018, p. 10) aponta que ao analisar “a história do parkour pelo aspecto de gênero, no começo não existia um ‘parkour feminino’. Existia um parkour (implicitamente masculino) e as mulheres que queriam praticar tentaram se adaptar a ele. ” Já foram criadas diversas tentativas de melhorar o problema da representatividade das mulheres no Parkour, do âmbito internacional até nas comunidades como por exemplo “Elas no Parkour” (Projeto feminino do estado de Pernambuco). Além disso, existem encontros que buscam incentivar a participação e maior interação das mulheres nessa prática, sendo eles nacionais e regionais.

Projetos importantes que reconhecem as desigualdades de gênero dentro do esporte, contribuindo para que os treinos possam ser ambientes plurais, onde se encontra todo tipo de praticante e onde todos os estilos de parkour são respeitados e valorizados. Ainda assim, dado o tamanho do problema, é um trabalho diário para construir espaços onde as mulheres possam se reconhecer, se sentirem seguras e acolhidas o suficiente para dizer: O parkour também é meu. (AGUIAR, 2018, p. 11).

É possível perceber a diferença em como as crianças são incentivadas desde cedo de formas diferentes por conta do seu gênero, como aponta Fernandes (2017) *apud* Aguiar (2018, p. 17) “os meninos são incentivados desde cedo a participarem de brincadeiras de rua, [...], enquanto as meninas ficam restritas a brincadeiras dentro do espaço do lar”. Dessa forma, ao se considerar o processo de socialização, como pontua Fernandes (2018) e Figueira (2008), os indivíduos, por meio dos discursos normativos, internalizam o que representa o masculino e o feminino, atribuindo-lhes características, comportamentos, “formas de ser homem e mulher”. Trazendo isso para o Parkour, é muito comum haver uma certa idealização de que seja uma prática masculina, como cita Fernandes (2018, p. 125):

Esse domínio dos homens e a representação do *parkour* enquanto “prática masculina” afetam, inclusive, a visibilidade das *traceuses*. Além de dominar nos espaços de treino, eles também dominam o campo midiático, seja nos cinemas, programas de televisão, *reality show* e vídeos na internet. As praticantes entrevistadas referiram-se à falta de visibilidade que, conseqüentemente, influencia na representação do *parkour* de mulheres.

Esse fato, também, é perceptível quando fazemos um comparativo com skatistas, na maior parte das fontes de informação, há poucas referências a respeito das conquistas das mulheres e sua história de um modo geral. (FERNANDES, 2018; FIGUEIRA, 2008.)

No que se refere a ter um corpo forte, coragem, dentre outros atributos para praticar parkour, é preciso lembrar que eles estão associados ao masculino, dessa forma cito Goellner (2010) dizendo que no “campo das práticas sociais, a diferença biológica se transforma em desigualdade social e preconceito, articulando uma aparência de naturalidade, o que justifica o acesso e permanência de meninos e meninas em diferentes modalidades esportivas”. Essas associações e justificativas, constituem alguns dos preconceitos criados para as mulheres que praticam Parkour, como se elas fizessem apenas movimentos mais fáceis, pouco arriscados, que não necessitem de muita força e coragem. Sendo assim, entendo o espaço esportivo constituído por relações generificadas, por produzirem e reproduzirem as desigualdades e diferenciações entre homens e mulheres na sociedade. Enunciando valores e discursos que marcam os corpos com feminilidades e masculinidades, definindo posições sociais (GOELLNER, 2007; FIGUIERA; GOELLNER, 2013).

Segundo Dunning e Maguire (1997), o esporte se norteia por suas características estão próximas a singularidades que, discursivamente, foram associados ao masculino, tais como força, virilidade, busca por novos limites. Nos esportes alternativos, como as práticas de aventura, forma que o Parkour é definido por alguns autores, acreditava-se que tais práticas estariam livres das hierarquias de gêneros, por produzirem novos gestos esportivos, que são tão marcadas nos esportes

tradicionais (KIDDER, 2013). Entretanto, essa expectativa se configurou superestimada, pois conforme evidências empíricas e por meio das referências encontradas, é possível destacar que essas práticas tendem a ser “dominadas” por homens.

Dessa forma, a entrada e a permanência das mulheres nessas atividades, vistas como, predominantemente, masculinas subverte o raciocínio normativo que é atribuído aos seus “corpos” e ao seu “gênero”, tal ideia que tem o poder de dizer o que elas podem e o que elas não conseguem, que ditam sobre seu desempenho e suas potencialidades. Portanto, essa participação deve ser vista como um poderoso símbolo político e social. Kleindienst-Cachay e Heckmeyer (2006) *apud* Fernandes (2018.)

Com isso, algumas formas de resistência e luta por uma maior representatividade foi surgindo, como coloca Fernandes (2018) no Brasil, ao mostrar que as praticantes de Parkour – traceuses – começaram a desenvolver e ampliar grupos visando treinamentos concentrados nas mulheres, dentre eles “Projeto Elas no Parkour (Recife/PE); Treino para mulheres –TPM (Salvador/BA e outros estados); She can trace (Brasília/DF) (FERNANDES, 2018, p. 6).

Além disso houve o desenvolvimento de eventos, elaborados pelas praticantes com o intuito de aumentar a visibilidade das mulheres no Parkour e incentivar a participação das mesmas na prática, destaco o “Encontro Feminino de Parkour”, que foi criado no ano de 2009, e é realizado anualmente em distintas cidades do Brasil (FERNANDES, 2018).

Figura 3. Mulheres no 12 ° Encontro Feminino de Parkour



Fonte: <http://feminino.parkour.com.br/2022/03/o-mais-esperado-dos-encontros.html>

É possível observar a crescente existência de alguns eventos e de estratégias focadas na participação das mulheres, buscando mostrar que essa prática também é pertencente a elas e as representam. Concordante a isso, Aguiar (2018, p. 22) salienta que no Parkour as mulheres “[...] encontram terreno fértil para ressignificar sua relação com seus corpos, indo contra imposições sociais e noções pré-concebidas”, sendo a prática um espaço de construção em potencial as identidades das mulheres, que desafiam os estereótipos tradicionais e resistem às definições e ao controle masculino.

3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES LEVANTADAS

O quadro 1 expõe a sistematização dos 10 trabalhos encontrados nas plataformas de busca de Teses e dissertações (CAPES e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações), por meio do descritor/res “*Parkour*” e “*Parkour e mulher*”. Os dados que seguem, apresentam o nome do/a (s) autor/a (s), o ano de publicação da pesquisa, o título e a temática do estudo.

Quadro 1. Sistematização dos trabalhos encontrados em periódicos da área da Educação Física e que trazem o tema parkour

TESES E DISSERTAÇÕES			
Autoria	Ano	Título	Temática Abordada
Jesus, E. N. de	2020	“Trajetória do processo de Ensino do Parkour na cidade de Natal/RN”	Ensino/Aprendizagem do PK
Marques, R. A.	2011	“Cidade lúdica: um estudo antropológico sobre as práticas de Parkour em São Paulo”	Corpo e espaço
Freitas, V. A.	2011	“Para uma cidade habitar um corpo: proposições de uso do espaço urbano e seus acréscimos na formação do Artista Cênico”	
Junior, C. D. A	2015	“Modelagem eletroquímica e do distúrbio ácido-básico de praticantes dos fundamentos do Parkour”	Metabolismo
Barbalho, M. C. G.	2011	“A arte do deslocamento: a psicologia corre, escala, salta e rola com o Parkour”	Psicologia social
Lordêllo, A. F.	2014	“O trato com o conhecimento contemporâneo no currículo de licenciatura em Educação Física de UFBA: O Parkour e sua contribuição ao debate no eixo dos conteúdos específicos”	Pedagogia
França, D. L.	2016	“Práticas corporais de aventura nas aulas de educação física: as possibilidades pedagógicas no 5º ano do ensino fundamental”	Práticas corporais de aventura
Cássaro, E. R.	2019	“Atividades de aventura nos anos iniciais do ensino fundamental: Possibilidades e Desafios a partir da BNCC”	
Fernandes, A. V.	2018	“Transpondo muros socioculturais: relações de gênero e emponderamento de mulheres no Parkour”	Gênero e mulheres
Santos, G. V.	2021	“Comparação das características funcionais da aptidão física de praticantes de Parkour de acordo com o tempo de prática na modalidade”	Aptidão física

Fonte: Produção autoral

Das 10 dissertações apresentadas no quadro anterior, 9 foram descartadas por não terem relação com o tema discutido no trabalho. Somente a dissertação da Fernandes (2018) foi selecionada para análise, por ser a única a debater sobre a relação do Parkour e as mulheres, certificando o embasamento de que são necessários maiores estudos a respeito das mulheres

nas práticas corporais e esportivas, principalmente, no Parkour. As sistematizações das buscas, apresentada no quadro 1, evidencia a pequena quantidade de trabalhos desenvolvidos em programas de pós-graduação no Brasil sobre a temática, sobretudo, tendo como objeto de estudo a relação das mulheres praticantes de Parkour.

O segundo quadro expõe informações dos 6 artigos científicos encontrados nas plataformas de busca de 12 Revistas de Educação Física do Brasil, citadas anteriormente, por meio da busca “*Parkour*” e “*Parkour e mulher*”. Os dados que seguem, apresentam o nome do/a (s) autor/a (s), o ano de publicação da pesquisa, o título, a temática do estudo e a revista na qual o trabalho foi publicado, mostrando um mapa geral do que foi encontrado.

Quadro 2. Sistematização dos trabalhos encontrados em revistas da área da Educação Física e que trazem o tema parkour

REVISTAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA				
Autoria	Ano	Título	Temática Abordada	Revista
Fernandes e Galvão	2016	“Parkour e valores morais: ser forte para ser útil”	Filosofia da prática	Motrivivência
Alves e Corsino	2013	“Parkour como possibilidade para a Educação Física escolar”	Parkour e EF escolar	
Schwartz et al.	2016	“Estratégias de participação da mulher nos esportes de aventura”	Mulheres	RBCE
Pereira et al.	2020	“Parkour: do princípio filosófico ao fim competitivo”	Esportivização do PK	Licere
Chagas et al.	2015	“Parkouritiba: Conexão entre corpo, cidade e espaço”	Corpo e espaço	
Moura et al.	2016	“Compreender relativizar e Desconstruir: os discursos do risco na produção acadêmica sobre esportes de aventura”	Práticas corporais de aventura	

Fonte: Produção autoral

Como pode ser observado no quadro 2, foram encontrados 6 trabalhos, em que o primeiro foi produzido em 2013 e a maioria, metade dos estudos (3 artigos), no ano de 2016. As temáticas trabalhadas que se relacionam com o Parkour têm diversos focos e ênfases, como: Filosofia da prática (1); Parkour no âmbito da Educação Física escolar (1); Gênero e mulheres (1); Esportivização do Parkour (1); Relação do corpo e espaço (1); Práticas corporais de aventura (1). Os temas abordados nos artigos se relacionam com as diversas dimensões ligadas ao Parkour, sendo comum encontrar trabalhos que se referem às práticas corporais de aventura e não diretamente ao Parkour, trazendo-o de forma implícita, sem ser o foco do estudo. Outro ponto identificado nos artigos, trata da relação do Parkour com o corpo e espaço, onde o meio

se torna um leque de possibilidades, no qual os praticantes de Parkour veem oportunidades e não obstáculos, mostrando como se usam o movimento para lidar com o ambiente urbano ao seu redor. (Stramandinoli et al., 2012).

Dentre os artigos encontrados, o que mais se aproxima do objeto de estudo dessa pesquisa, é o texto de Schwartz et al. (2016), intitulado “Estratégias de participação da mulher nos esportes de aventura”, porém o mesmo discorre a respeito de práticas de aventura diferentes, não tendo relação direta com o Parkour.

De modo geral, ao interpretar os quadros 1 e 2, é possível identificar que apenas 2 estudos desenvolvem as temáticas “gênero e mulheres”, os quais abordam sob perspectivas diferenciadas. A dissertação de Alessandra Fernandes (2018), traz a participação das mulheres no Parkour e uma discussão a respeito do empoderamento, buscando mostrar como elas se empenham criando espaços “de” e “para” mulheres se sentirem mais representadas e agregadas aos treinos. Enquanto a pesquisa de Schwartz et al. (2016) aborda a participação das mulheres dentro das práticas corporais de aventura de um modo geral, não especificamente o parkour, citando entre elas o skate, mountain bike e rafting.

No que se refere as pessoas que constituíram a amostra de análise, participaram do estudo 24 traceuses (porém seguindo os critérios de inclusão e exclusão, apenas 22 respostas foram utilizadas, pois uma das praticantes possuía menos de 6 meses de treino e outra respondeu ao questionário duas vezes) de variadas regiões do Brasil, as quais a maioria é do estado de São Paulo, com 8 praticantes. Com a relação a escolaridade, 15 das mulheres que responderam o questionário têm o ensino superior completo e das 22, metade (11 mulheres), com relação a questão étnico-racial, se consideram “Branças”.

Quadro 3. Dados de identificação das praticantes de Parkour

Idade	Estado	Formação	Étnico-racial	Tempo de prática	Deslocamento/tempo
24	GO	Sup. completo	Parda	2 anos	Uber / 30 min
25	GO	Sup. Incompleto	Parda	6 meses	Moto / 15 min
25	SP	Sup. completo	Branca	6 anos	Transporte público / depende
32	SP	Sup. Completo	-	8 anos	Carro / 20 min
24	BA	Sup. Completo	Parda	8 anos	- / média 1h
59	RJ	Pós-graduação	Mistura de etnias	4 anos	A pé
31	ES	Sup. Completo	Preta	12 anos	Ônibus ou bike / 1h ou 20-30'
29	CE	Sup. Completo	Branca	7 meses	Carro ou bike / 15-20 min
33	SP	Sup. Completo	Branca	10 anos	Metrô / 30 min
37	SP	Pós-graduação	Branca	8 anos	A pé, moto ou metrô
38	PN	Mestrado	Branca	6 anos	Carro, bike ou correndo / 30 min
32	SP	Sup. Incompleto	Preta	6 anos	A pé
25	CE	Sup. Completo	Negra	2 anos	-
19	SP	Médio completo	Branca	3 anos	Carro / 10 min

33	-	Sup. Incompleto	Preta	7 anos	Condução / 30min-1h
27	SP	Sup. Completo	Branca	6 anos	Bicicleta / 50 min
27	SP	Sup. Completo	Branca	4 anos	Carro / 40 min
36	RJ	Sup. Completo	Parda	+10 anos	Depende
25	ES	Médio completo	Índia	9 anos	Ônibus / 40 min
38	PN	Mestrado	Branca	6 anos	Carro / 25 min
22	RJ	Sup. Incompleto	Branca	6 meses	Ônibus ou a pé / 15-30 min
34	AL	Sup. Incompleto	Parda	16 anos	Bicicleta / 15-35 min

O questionário foi o meio escolhido para buscar entender as indagações que geraram a problemática deste trabalho, relacionadas a conhecer a motivação, a permanência e os desafios enfrentados pelas mulheres que praticam Parkour, assim como conhecer um pouco sobre as mulheres, idade, escolaridade, há quanto tempo praticam a modalidade, como se deslocam até os locais de treino e quanto tempo demandam, como se identificam quanto a questão étnico-racial e em qual estado moram. Em muitas descrições é possível notar que a maioria das mulheres ingressou na prática por conta de amigos/namorado ou por causa das mídias sociais (vídeos no youtube, filmes, séries...), ou seja, de meninos que praticavam Parkour. Em muitas respostas é possível perceber essa influência:

*“Através do meu **namorado**”* (32 anos, SP, 8 anos de prática)

*“Vi **em filmes** e já havia visto **vídeos de conhecidos** praticando. Comecei a praticar com um amigo que é professor e me convidou para treinar”* (29 anos, CE, 7 meses de prática)

*“...vendo meu **namorado** praticar”* (22 anos, RJ, 6 meses)

*“Procurei por aulas **após ver vídeos** na internet”* (31 anos, ES, 12 anos de prática)

Esse fato é convergente ao que Fernandes (2018) aponta em sua dissertação, ao mostrar que a adesão ao Parkour está vinculada com a mídia e a influência de amigos/parceiros que já praticavam e facilitaram esse primeiro contato.

Para organizar as informações que se referem aos motivos que as levaram a praticar Parkour, elaborei o Gráfico 1, que segue:

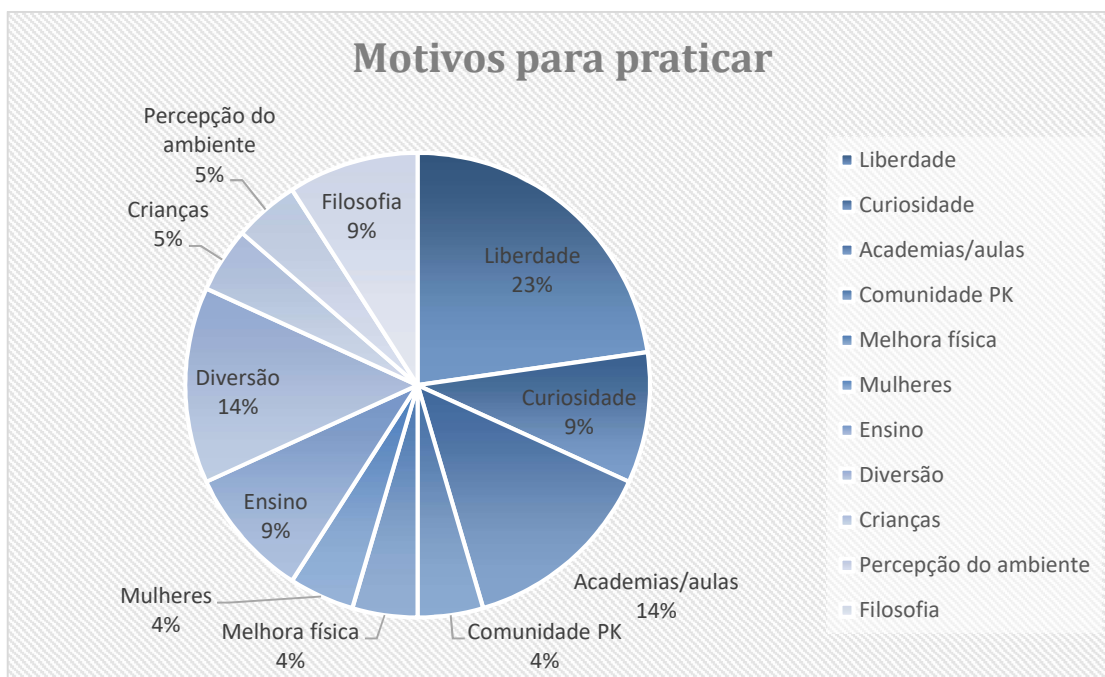


Gráfico 1: motivos para praticar Parkour

Os motivos para praticar Parkour foram os mais variados possíveis, sendo a existência de academias/aulas que tornam o aprendizado mais eficiente e seguro, assim como a filosofia do PK. Porém, os motivos mais citados, como mostra o gráfico 1, referem-se a liberdade que a modalidade proporciona na movimentação individual, a existência de academias e aulas que permitem um aprendizado com maior segurança e por diversão. As escritas mostram o quanto os motivos são diversos:

“Liberdade e visão diferenciada do espaço” (25 anos, SP, 6 anos de prática).

“Vontade de tentar o esporte que sempre admirei, mas nunca tive a oportunidade e coragem de treinar” (29 anos, CE, 7 meses de prática).

“A paixão que tive pelo parkour motivou bastante, fiquei encantada com a prática que me fez sentir livre e me conhecer através do movimento” (33 anos, 7 anos de prática).

“A curiosidade sobre a prática e o diferencial por não precisar competir com ninguém ou ser melhor do que alguém” (25 anos, ES, 9 anos de prática).

“A existência de academias” (24 anos, GO, 2 anos de prática).

“Ter a liberdade em movimentar meu corpo” (32 anos, SP, 6 anos de prática)

A existência de um ambiente mais acolhedor e seguro, como as academias de Parkour, veem se tornando um fator importante para a inserção e permanência de mulheres na prática, por ser um meio em que os riscos são mais controlados e diminui a chance de importunação,

por outras pessoas, interrompendo o treino delas, por exemplo. Como apresentado por Fernandes (2018, p. 8), ao trazer a dimensão da busca pela liberdade como um ponto marcante na fala das praticantes, “[...] essa prática [...] viabiliza o exercício da ‘liberdade’ e, assim, oportuniza a ‘resistência’ delas”. Como também pontua que essa liberdade é maior aos homens que as mulheres, pois pelos fatores culturais, que perpassam a questão biológica e anatômica, mostra que desde a infância os meninos são incentivados a explorar o espaço e se deslocar no meio urbano, enquanto para as meninas a mobilidade no meio fica reduzido pelo medo do assédio e violência desde cedo. Além disso, Fernandes (2018, p. 160) apresenta um ponto importante relacionado a essa liberdade, ao trazer que a “vivência dessa liberdade, mencionada pelas praticantes, torna-se um aspecto produtor da participação das mulheres na modalidade, uma vez que, por um processo histórico e cultural, elas têm sido privadas e menos incentivadas a explorar o corpo e o meio público”.

No Gráfico 2 é mostrado os motivos citados pelas praticantes para permanecer na prática e suas respectivas porcentagens.

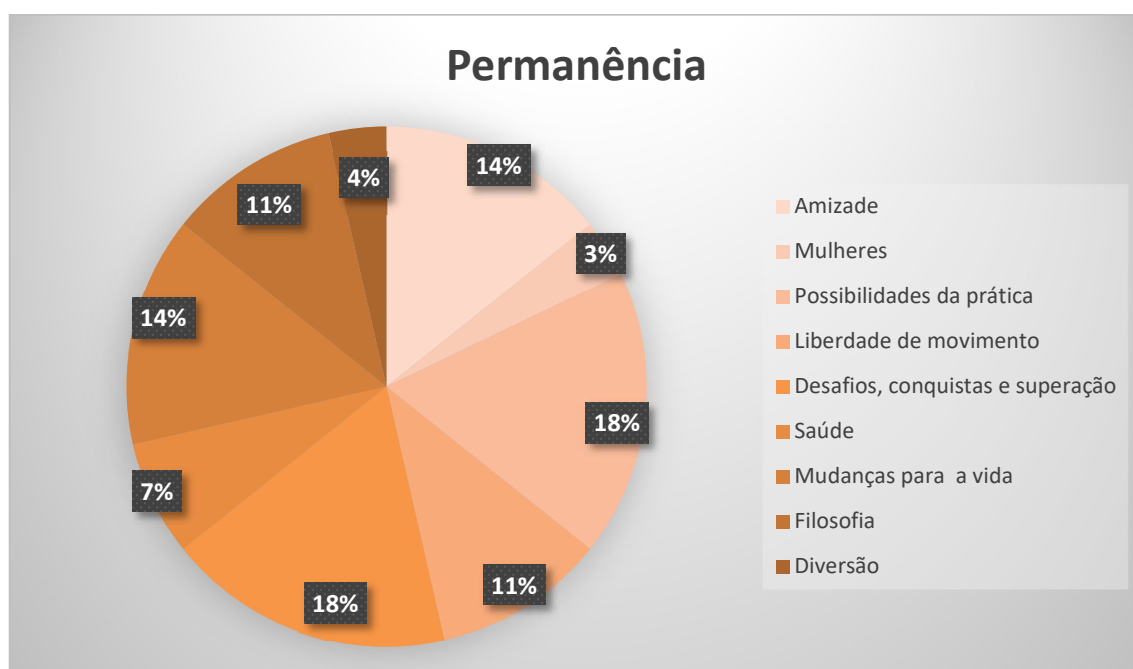


Gráfico 2: Motivos para permanecer

A permanência na prática acontece por diversas questões, mas os motivos mais descritos referem-se as possibilidades de movimentação, relacionado a sensação de se superar a cada vivência, a perceber os desafios ultrapassados, as amizades construídas e as mudanças decorrentes da prática de Parkour na vida das praticantes. Compartilho dos mesmos sentimentos, escritos por muitas das praticantes, sobre como o Parkour mudou a sua

minha vida, a liberdade sentida na realização dos movimentos, a superação, enfim toda essa identificação. Segundo Aguiar (2018), relatos próximos tende a tornar o processo de inserção e permanência na prática mais confortável, pois percebemos que as pessoas, no caso as mulheres praticantes, partilham de dificuldades, experiências e sentimentos parecidos.

“O Parkour mudou a minha vida e muda ainda” (59 anos, RJ, 4 anos de prática).

“O parkour mudou e moldou a trajetória da minha vida, me mostrou o quanto sou forte...” (31 anos, ES, 12 anos de prática).

“As mulheres que conheci” (36 anos, RJ, +10 anos de prática).

“São 2 fatores principais que me fizeram continuar treinando, o primeiro é o fato de que o Parkour tem muitas possibilidades, nunca fica chato porque tem muita coisa diferente para aprender. O segundo fato é que o Parkour é desafiador, porém esses desafios podem se adaptar para a individualidade de cada um, ou seja, todo mundo pode se desafiar e se divertir. Hoje em dia o Parkour ocupa uma boa parte da minha vida, eu trabalho com isso, e sou apaixonada pelo que faço” (27 anos, SP, 4 anos de prática).

“A liberdade de movimento e possibilidade de aplicá-lo em qualquer lugar, o fato de poder sair de onde estou e chegar aonde eu quero e não ver obstáculos como barreiras” (27 anos, SP, 4 anos de prática).

“Os laços incríveis de amizade e respeito pela comunidade do Parkour e pela filosofia do Parkour” (32 anos, SP, 8 anos de prática).

“A prática e a comunidade em si” (25 anos, SP, 6 anos de prática).

“Compreendi que é um aprendizado para toda vida. Autoconhecimento, interconhecimento”. (34 anos, AL, 16 anos de prática)

A sensação de liberdade citada pelas praticantes se relaciona, diretamente, a autonomia e a confiança desenvolvida no Parkour, através das conexões criativas, derivadas da experimentação de movimentos pelo corpo e exploração do ambiente, criando uma relação entre praticante-meio, Fernandes (2018, p.59) diz que:

a modalidade é considerada como uma ‘prática da liberdade’, cujos/as praticantes, por meio das interações com o ambiente, experimentam o corpo enquanto ‘veículo autônomo’. Por essa característica, o parkour apresenta o potencial para que as mulheres se empoderem, exercendo a liberdade e a resistência no interior da própria modalidade e transferindo-as pra outras práticas sociais.

Aguiar (2018, p. 11) também faz uma afirmação potente em seu estudo, ao dizer que é “[...] um trabalho diário para construir espaços onde as mulheres possam se reconhecer, se sentirem seguras e acolhidas o suficiente para dizer: ‘O Parkour também é meu’”.

Os desafios também foram questionados às participantes, no sentido de descreverem sobre os desafios encontrados dentro da prática, os quais são apresentados no Gráfico 3.

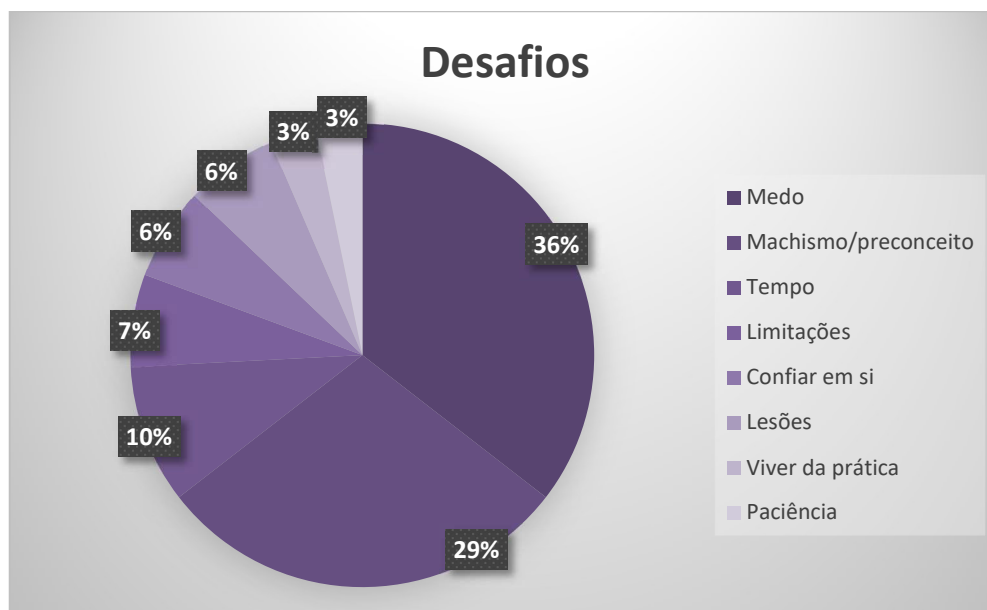


Gráfico 3: Desafios enfrentados por elas

Ao recorrer as descrições das participantes, identifico que os maiores desafios enfrentados por elas, referem-se ao medo e ao preconceito, produzido pelo machismo. Em suas palavras, em ter que: *“lidar com o medo- seja ele físico ou psicológico”* (29 anos, CE, 7 meses de prática) e *“com preconceitos e machismos dentro da modalidade”* (24 anos, BA, 8 anos de prática).

O medo (36%) e o machismo (29%) que enfrentam, totalizam 65% dos maiores desafios citados pelas praticantes. Elas também mencionaram ter dificuldades em confiar na instrutora mulher, *“Também tenho dificuldade em confiar na minha técnica para aplicar alguns movimentos, apesar de eu já saber executá-los”* (22 anos, RJ, 6 meses de prática). Esta é uma fala muito recorrente pelas traceuses, inclusive Fernandes (2018, p.108) pontua que no “VIII EFPK, alguns meninos chegavam nos pontos onde as *traceuses* permaneciam, para vir dar dicas e servir de apoio caso a menina se sentisse insegura de realizar os movimentos”. No 12º EFPK (Encontro Feminino de Parkour), que ocorreu em fevereiro de 2022, pude observar e confirmar essa fala, pois quando as mulheres iam tentar um

movimento novo ou um pouco mais arriscado, pediam ajuda para os homens, para que eles ficassem de suporte.

Segundo uma participante: *“Ao mesmo tempo que existe apoio, há muito desrespeito para com as mulheres. A falta de informação de outras pessoas que nos faziam parar o treino. Atualmente, há um desrespeito enorme com as mulheres que treinam, mas que não tem movimentações espetaculares de demonstração, assim como vídeos de praticantes de alto nível. Desrespeito esse que acontece principalmente com pessoas que não praticam Parkour”* (32 anos, SP, 8 anos de prática).

Quanto as possibilidades existentes na prática, mais da metade das participantes responderam que as mesmas são ilimitadas para as mulheres no Parkour, porém algumas situações dificultam essa permanência ou início da prática. Como exemplo temos as seguintes falas:

“É um esporte onde a maioria dos praticantes são homens, então as mulheres (que não conhecem a prática) acabam não se identificando com o esporte, além de não se sentirem representadas é, muitas vezes, desconfortável treinar com homens. Acredito que o problema é muito mais social do que físico, já que desde crianças nossos corpos são podados, não nos deixam explorar nossas potencialidades e como somos ensinadas assim, é difícil de se imaginar pulando de um muro, por exemplo. Apesar das dificuldades, a comunidade feminina vem crescendo e existem grupos de mulheres que treinam e se incentivam” (27 anos, SP, 4 anos de prática).

“Como mulher, sinto falta dessa representatividade feminina no parkour. Aqui na cidade onde moro, sou a única mulher que treina com frequência” (22 anos, SP, 6 meses)

“Acho que aqui é importante ter em mente que a cidade também é nossa. A rua sempre é vista como espaço masculino” (36 anos, RJ, + 10 anos. Grifo meu)

“Me alegra muito ver que a cada dia que passa tem mais mulheres treinando. A prática do parkour para mulheres desmitifica muitas coisas, vemos que existe um universo de possibilidades no parkour e que qualquer pessoa pode fazer” (32 anos, SP, 6 anos)

*“Todos os **benefícios da prática física (força, coordenação, agilidade, etc.), superação do medo, conhecimento do próprio limite** e de como ultrapassá-lo. E um ponto que sempre me chamou atenção é a confiança nos praticantes, que no Brasil e em outros países, em sua maioria são confiáveis, respeitosos e unidos (meu ponto de vista pela experiência que tive) ”.* (32 anos, SP, 8 anos de prática. Grifo meu)

“Não é fácil a prática do parkour para mulheres, principalmente por ser uma modalidade majoritariamente de homens. Tudo é um desafio, pensar na roupa antes de sair de casa, homens dando pitaco no seu treino, nem sempre há espaço pras minas treinarem, pois a maioria dos homens ocupa o pico e muitas outras questões, mas por outro lado o número de praticante mulheres têm aumentado bastante, mostrando que é possível sim nos mulheres praticarmos o que queremos. As possibilidades são grandes quando ocupamos a rua, os lugares, só a nossa presença abre muitas possibilidades.” (33, -, 7 anos de prática. Grifo meu).

“Pk como qualquer prática é difícil para mulheres, pela condição de vida dela e pela formação corporal” (38 anos, PN, 6 anos de prática).

O espaço também é nosso e devemos buscar utilizá-los, sabendo que somos pertencentes ao meio tanto quanto os homens. Com isso algumas iniciativas são de extrema importância para incentivar e buscar integrar mais mulheres a prática, como por exemplo os grupos com treinos direcionados às mulheres (She can trace, Elas no Parkour...) e os encontros e projetos organizados com o foco de minimizar a desigualdade de gênero, que é vista nos esportes (AGUIAR, 2018).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo levantou como pressuposto que as possibilidades de entrada e de permanência das mulheres no Parkour se davam de formas diferentes para meninas e meninos, problematizando que as escolhas estavam relacionadas aos incentivos e as vivências corporais que constituem todo um processo de socialização. Nesse sentido, as respostas das praticantes trazem que o primeiro contato delas com o Parkour ocorreu, predominantemente, por meio das mídias sociais (vídeos, filmes e séries) e por influência de amigos ou parceiros que já integravam a prática. Mostram, também, que as motivações em vivenciar o Parkour envolvem a questão de sentir liberdade na realização movimentos e da prática em si (abrangendo tanto os motivos para iniciar a prática como para permanecer nela), as relações construídas através do Parkour, pelo autoconhecimento e pela melhora da saúde.

Os desafios enfrentados envolvem, principalmente, o medo (exposto em dois contextos diferentes, o de executar uma técnica ou movimento tendo o receio de errar e o de treinar sozinha e passar por alguma situação de preconceito ou violência). As respostas, mostram, ainda, que a permanência no esporte, possibilita potencialidades da prática, como a conquista do espaço do Parkour, tendo em mente que o mesmo também é pertencente a elas, às praticantes, que buscam expandir sua representatividade e visibilidade na prática, quebrando padrões social e culturalmente impostos. Além disso, os benefícios físicos que a prática traz, também são pontuados, como melhora da força, coordenação, agilidade... juntamente com o autoconhecimento, autonomia e confiança em si.

Algumas falas, sugerem que o apoio oferecido pelos praticantes são um ponto positivo para a permanência na prática, e que os locais de treinos podem favorecer e ao mesmo tempo desmotivar a prática, pois existem variáveis como, onde ocorrem os treinos, se é próximo ou longe das praticantes, como elas irão, se haverá companhia para treinar (se relacionando diretamente à questão do machismo e preconceito, citados anteriormente).

O presente estudo também buscou preencher algumas lacunas a respeito das mulheres na prática do Parkour e abranger um pouco mais sobre essa temática, ainda pouco explorada no âmbito acadêmico e, conseqüentemente, social. No que se refere a limitação da produção científica, verificas se a pouca produção acadêmica encontrada sobre o tema, sobretudo, voltado as motivações e a permanência da mulher no esporte, tanto em artigos científicos da área, quanto em teses e dissertações. Identifico o quanto é importante que se realize mais estudos na área da Educação Física sobre o Parkour, para que a prática possa ser melhor compreendida, divulgada

e praticada, especialmente, por mulheres, de forma a desmistificar os rótulos criados ao longo do tempo a respeito da prática e das pessoas que a praticam.

Identifico, ao final, que o Parkour é uma prática popularmente vista como pertencente a uma suposta ‘masculinidade’, por estar atribuída a ela habilidades socialmente relacionadas aos homens, como força, agilidade, explosão, assim como ser vivenciada, em sua maior parte, em espaços públicos. Contudo, é uma prática que vem sendo explorada e conquistada pelas mulheres. Avalio, portanto, que como qualquer outra prática (algumas mais outras menos) para a mulher começar e manter-se numa experiência corporal é muito difícil. Pela sobrecarga da vida, pela forma que seu corpo foi educado na infância - para os meninos o corpo pode ser exposto, para as meninas, precisa ser contido, guardado, escondido, discreto -, enfim, entendo que todo esse processo histórico, tatua em nós, nossas futuras relações com as práticas, inclusive o Parkour. Por isso, praticar é resistir! É seguir desafiando as regras sociais e ampliando o espaço de representação das mulheres no esporte.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Lana Rodrigues. **Mulheres em movimento: Estratégias de visibilidade para o Parkour feminino**. 48 f. Relatório (Trabalho de conclusão de curso) – Instituto de Artes – Departamento de Design, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.
- ANGEL, J. M. **Ciné Parkour: A cinematic and theoretical contribution to the understanding of the practice of parkour**. School of Arts, 2011.
- BERELSON, B. (1952). *Content Analysis in Communications Research*. New York, NY: Free Press
- BIANCHI, J. **O Parkour**. O desenvolvimento do indivíduo que pratica essa atividade física. São Paulo, 2008. Disponível em: <http://jupersonal.freevar.com/artigo_parkour.html>. Acesso em: 30 abr. 2011.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão de identidade*. Editora Civilização Brasileira, 2004.
- CHAGAS, Raissa. **O processo de esportivização de uma modalidade: o Parkour enquanto prática espetacularizada**. ALESDE, v 5, n. 1, p. 21-33, 2015.
- DUNNING, Eric.; MAGUIRE, Joseph.; WUILLAUME, P. C. F. X. As relações entre os sexos no esporte. **Revista Estudos feministas**, v. 5, n. 2, 1997.
- FERNANDES, Alessandra Vieira. **Transpondo Muros Socioculturais: Relações de gênero e emponderamento de mulheres no parkour**. 2018, 254 f. Dissertação (Mestrado em Ed. Física) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018.
- FERNANDES, Alessandra Vieira; GALVÃO, Lilian Kelly Sousa. Parkour e valores morais: ser forte para ser útil. **Motrivivência**, v. 28, n. 47, p. 226-240, 2016.
- GERAÇÃO YAMAKASI, Youtube, 2011. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PwFhq3dZ_u8. Acesso em: 22 de agosto de 2022.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 4 ed. 2002.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. São Paulo: **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 2, p. 143 – 151, 2005.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e Esporte no Brasil: fragmentos de uma história generificada. In: SIMÕES, A. C.; KNIJIK, J. D. **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho**. São Paulo: Aleph, 2004. p. 359-374.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. Porto Alegre: **Revista Movimento**, v. 13, n. 02, p. 171-196, 2007
- GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. *Cadernos de Formação RBCE*, p.71-83, 2010.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidade. Rio Grande do Sul: Revista Tempo, v. 19, n. 34, p. 45-52, 2012.

GOELLNER, Silvana Vilodre; FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. Quando você é excluída, você faz o seu: mulheres e skate no Brasil. *Cadernos Pagu*, 41, 239-264. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332013000200014>, 2013.

KIDDER, Jeffrey L. Parkour, Masculinity, and the City. *Sociology of Sport Journal*, n. 30, p. 1-23, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec Editora, 14^o ed, 2014.

NOVO, Gabriel de Andrade. Conceitos e concepções de Parkour: Diálogos entre a literatura e seus praticantes. São Paulo. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Estadual de Campinas, 2019.

PEREIRA, Dimitri Wuo; HONORATO, Tony; AURICCHIO, José Ricardo. Parkour: Do princípio filosófico ao fim competitivo. Belo Horizonte: Licere, v. 23, n.1, 2020.

PISCITELLI, Adriana. Re-criando a (categoria) mulher?. In: Leila Algranti (org.) “A prática Feminista e o Conceito de Gênero”. Textos Didáticos, nº 48. Campinas, IFCH-Unicamp, 2002, pp. 7-42.

SCOTT, Joan W. Gênero uma categoria útil. 1989

SOARES, Carmen Lúcia. Georges Hébert e o método natural: nova sensibilidade, nova educação do corpo. São Paulo: Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 25, n. 1, p 21-39, 2003.

STRAMANDINOLI, Ana Luiza Martins; REMONTE, Jarbas Gomes; MARCHETTI, Paulo Henrique. Parkour: História e conceitos da modalidade. Paraná: Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, v. 11, n. 2, p. 13-25, 2012.

OLIVEIRA, Tânia Modesto Veludo de. **Amostragem não Probabilística: Adequação de Situações para uso e Limitações de amostras por Conveniência, Julgamento e Quotas**. São Paulo: Vol 2, N 3, 2001, ISSN 1517-7912.

APÊNDICE A**QUESTIONÁRIO****Dados de identificação**

Como gostaria de ser identificada?

Idade

Onde reside?

Escolaridade (Ensino fundamental, médio, superior incompleto ou completo...)

Sobre a questão étnico-racial, como você se nomeia?

QUESTIONÁRIO

Qual foi o primeiro contato com o Parkour?

O que lhe motivou a praticar Parkour?

Há quanto tempo pratica Parkour?

O que lhe motiva a permanecer na modalidade?

Como acontece o seu deslocamento de casa ao local da prática? (Tempo demandado e condução)

Quais os maiores desafios enfrentados nessa prática?

Quais as potencialidades dessa prática?

Como avalia a prática do Parkour para mulheres? (Limites e possibilidades)